

# O ADOLESCENTE E SUA PERSPECTIVA DE FUTURO EM UMA UNIDADE DE ACOLHIMENTO DE PROTEÇÃO

THE TEENAGER AND THEIR FUTURE PERSPECTIVES  
IN A PROTECTION HOSTING UNIT

## **Míria Isabel de Souza Maciel**

Graduada de psicologia pela Faculdade Instituição Evangélica de Novo Hamburgo (Novo Hamburgo/Brasil).  
E-mail: miamaciel@hotmail.com

## **Magale de Camargo Machado**

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).  
Professora do Curso de Psicologia na Faculdade Instituição Evangélica de Novo Hamburgo (Novo Hamburgo/Brasil).  
E-mail: magalemachado@gmail.com

Recebido em: 16 de setembro de 2021  
Aprovado em: 10 de novembro de 2021  
Sistema de Avaliação: Double Blind Review  
RPR | a. 19 | n. 1 | p. 22-38 | jan./abr. 2022  
DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v3.2333>

## RESUMO

O estudo tem sua origem numa Unidade de Acolhimento Institucional para Adolescentes, de um município da região do Vale do Rio dos Sinos/RS, do Sistema Único da Assistência Social (SUAS). A investigação foi guiada pela interrogação no âmbito de uma unidade de acolhimento proporcionar espaço para adolescentes abrigados para construções em torno de perspectivas de futuro, no sentido de abrir possibilidades para a produção do vir a ser, sendo esta uma questão crucial para o desenvolvimento e a preparação de saída dos adolescentes da instituição para dar curso para as suas vidas. O referencial teórico foi a teoria de Winnicott (1975), que diz que o ato de imaginar está ligado ao de brincar e esse começa nas fases iniciais do desenvolvimento humano. Utilizou-se como método o trabalho de grupo com atividades lúdicas, trabalhando a imaginação e o protagonismo dos adolescentes frente a escolhas futuras. Houve a imersão no campo, com a criação de um grupo com os adolescentes da instituição que se reuniam em encontros semanais. O material para as discussões de resultados foram trabalhos produzidos pelos jovens e os recortes de falas que emergiram durante as dinâmicas. Concluímos que é importante para os jovens em uma instituição de acolhimento a promoção de espaços que possibilitam uma escuta acolhedora, a fim de contribuir para o processo de estruturação e desenvolvimento dos adolescentes em diferentes aspectos físicos, emocionais/psíquicos, cognitivos e auxiliar o jovem quanto às perspectivas de futuro.

**Palavras-chave:** Adolescente. Acolhimento. Futuro.

## ABSTRACT

The study has its origin in an Institutional Reception Unit for Adolescents, in a municipality in the region of Vale do Rio dos Sinos / RS, of the Unified Social Assistance System (SUAS). The investigation was guided by the questioning in the context of a reception unit providing space for adolescents sheltered for constructions around future perspectives, in the sense of opening possibilities for the production of becoming, which is a crucial issue for the development and the preparing adolescents to leave the institution to give course to their lives. The theoretical framework was Winnicott's theory (1975), which says that the act of imagining is linked to that of playing and this begins in the early stages of human development. Group work with playful activities was used as a method, working the imagination and the protagonism of the adolescents in the face of future choices. There was immersion in the field, with the creation of a group with teenagers from the institution who met in weekly meetings. The material for the discussions of results were works produced by the young people and the excerpts from speeches that emerged during the dynamics. We conclude that it is important for young people in a host institution to promote spaces that allow welcoming listening, in order to contribute to the process of structuring and developing adolescents in different physical, emotional / psychological, cognitive aspects and helping young people future perspectives.

**Keywords:** Teenager. Reception. Future.

## 1 INTRODUÇÃO

A Unidade de Acolhimento Institucional baseada no Sistema Único da Assistência Social (SUAS), na categoria de alta complexidade, oferece acolhimento provisório para adolescentes do sexo masculino até 18 anos, afastados do convívio familiar por meio de medida protetiva de abrigo. Os adolescentes se encontram num momento em que é colocado em risco o sistema de proteção de suas vidas e da construção de processos de subjetividade que o lancem para o futuro e para um sistema de promoção de autonomia e saúde.

Os jovens abrigados são provenientes, em sua maioria, de famílias em situação de vulnerabilidade social com agravos de situações econômicas, de estrutura física e psicossocial. Muitos dos adolescentes passaram por experiências com o tráfico de drogas, realização de pequenos delitos, relação com algum tipo de violência e consumo de entorpecentes. Se os adolescentes não tiverem acesso a outras experiências e possibilidades de vida, aumentam as chances de voltar às velhas práticas, ao sair da instituição de acolhimento.

A família e o convívio em sociedade desempenham um papel fundamental na vida do adolescente quanto às elaborações em torno do futuro, auxiliando na visualização de diferentes horizontes e a produção de novas vivências. Nos abrigos, percebemos a importância de que, além da família, é preciso vir a pertencer e constituir novos círculos para auxiliar nos cuidados e na construção de protagonismo de adolescentes, para aceitar e serem aceitos em novos grupos.

Diante disso, a Proteção Social Especial de Alta Complexidade diz que os abrigos institucionais devem ser semelhantes a uma residência (BRASIL, 2018) e de acordo com Winnicott (2001, p. 136) "o lar e a família são modelos que inspiram todo tipo de instituição de assistência social que tenha alguma chance de funcionar bem". É importante considerar a integralidade do adolescente incluindo aspectos psíquicos, cognitivos e físicos no contexto do abrigamento.

Em interações preliminares à intervenção em estudo, percebemos que havia certas dificuldades para um projetar-se e para um pensar em outras realidades que não estivesse já dada para os adolescentes participantes da instituição. Identificamos que estas dificuldades poderiam estar ligadas à atividade imaginativa e criativa dos jovens. Neste sentido, o trabalho em grupo de forma a potencializar a criatividade e imaginação tornou-se uma possibilidade de intervenção com os jovens na instituição.

Desta forma, este estudo foi mobilizado por questionamentos no âmbito das possibilidades de a instituição de acolhimento proporcionar espaço para a construção de perspectivas de futuro, promovendo a participação criativa dos adolescentes. Buscamos abrir possibilidades para a produção em torno do futuro, ou seja, o vir a ser dos participantes, por ser uma questão crucial para auxiliar no desenvolvimento

e na preparação dos adolescentes para sair da instituição, vindo a dar curso para as suas vidas como adultos jovens, em sua maioria.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para se refletir sobre as perspectivas de futuro dos adolescentes numa instituição de acolhimento de proteção, partiu-se da ideia de que a palavra perspectiva traz importante significado, já que dá o sentido de como alguma coisa é representada ou vista, ou seja, pode estar ligada ao ponto de vista. Foi necessário conhecer como se dá o processo de projetar-se para um período que ainda não chegou, e para isso percebe-se que é necessário que os adolescentes façam o exercício de pensar, sentir, imaginar, criar, planejar e sonhar. De acordo com Winnicott (1975) o ato de imaginar está ligado ao de brincar que começa nas fases iniciais do desenvolvimento e a partir da sua teoria psicanalítica faremos a fundamentação teórica da nossa intervenção.

No início da vida, o bebê entende que ele e a mãe formam uma unidade, dependendo, totalmente, dos cuidados dela. Nessa fase a mãe suficientemente boa, como é chamada por Winnicott (1975), supre as necessidades físicas, de higiene, sobrevivência e também as psíquicas, através da "apresentação do objeto" que pode ser o seio ou mamadeira. Com isso, o bebê passa por uma fase de ilusão de onipotência, onde cria os objetos que necessita e eles aparecem. Quando a mãe desenvolve bem esse papel, o bebê desfruta de uma harmonia entre sua onipotência intrapsíquica e o controle do real e é nesse "*playground* intermediário" que a brincadeira começa (WINNICOTT, 1975, p. 79).

Desde o início, o sujeito em seu desenvolvimento depende do contato com seu ambiente que pode ser favorável ou não. Se esse falhar, ou seja, não oferecer condições para o indivíduo se desenvolver e se integrar, pode gerar no indivíduo comportamentos defensivos, e um desses é a tendência antissocial:

Se as falhas se dão após a constituição de um eu e do início de relacionamento com a realidade externa, elas têm o sentido de "deprivação" (*deprivation*), ou seja, da perda do ambiente favorável com o qual se contava, acompanhada de percepção de que a responsabilidade pela perda é do próprio ambiente. Deprivações também geram angústias profundas e desesperança, mas não resultam em psicoses e sim em várias outras reações defensivas, entre elas a tendência antissocial, em que o indivíduo busca, inconscientemente, ser ressarcido da perda sofrida (DIAS; LOPARIC, 2008, p. 53).

Se na infância o ambiente tem relevância na construção psíquica do sujeito, na adolescência não é diferente. A família e a sociedade são de grande importância no modo de aceitar e acolher o processo de mudanças e amadurecimento do adolescente. Devido a essa falta de maturidade, os adolescentes podem

agir de forma impulsiva e com dificuldade para pensar nas consequências dos seus atos, precisam ser constantemente motivados, entre outros aspectos.

Se examinarmos os processos de amadurecimento, veremos que o jovem nessa fase está tendo que enfrentar importantes mudanças associadas à puberdade. [...] O modo como o indivíduo enfrenta essas mudanças e lida com as ansiedades decorrentes delas baseia-se, em grande medida, no padrão organizado desde os primeiros tempos da infância [...] (WINNICOTT, 2012, p. 164).

É importante conhecer como se dão os primeiros processos na vida do sujeito, pois suas ações atuais e a capacidade de imaginar podem ser reflexos das experiências da infância. Segundo Winnicott (1999, p. 153), “na puberdade, reaparecem problemas que estiveram presentes nos primeiros estágios, quando as crianças eram bebês ou criancinhas relativamente inofensivas” o que nos conduz a estudar aspectos que envolvem a infância, a fim de entender a adolescência, pois “é muito útil comparar ideias da adolescência com as da infância” (WINNICOTT, 1999, p. 153). O ambiente de intervenção com o adolescente precisa ser preparado para lidar com a complexidade deste momento da vida, de forma a não infantilizar ou menosprezar o estágio do desenvolvimento que estão passando e sim possibilitar uma relação de confiança, respeito e ajuda.

Durante a adolescência, sentimentos e sensações ainda não conhecidos começam a ser experimentados, novas necessidades aparecem acompanhadas de comportamentos ambíguos, “como pode alguém ser tão desafiador, e ao mesmo tempo, tão dependente, a ponto de se mostrar pueril, até infantil” (WINNICOTT, 2012, p. 172). O jovem nem sempre sabe ou consegue falar do que está sentindo e é papel dos adultos auxiliarem na tradução desses sentimentos, e fazer isso com muito cuidado abrindo espaço para o protagonismo do adolescente para que ele não se sinta inferior em decorrência de sua imaturidade. Para isso, percebemos que o trabalho em grupo é muito eficiente, pois através da fala do outro, o adolescente se identifica e consegue relacionar sua experiência com a do colega.

### **3 METODOLOGIA**

Trabalhamos com a metodologia de grupo, promovendo espaço de fala e escuta entrelaçado com a realização de atividades. Os encontros aconteciam semanalmente, num período de uma hora de duração, nas dependências da unidade de acolhimento, o número de participantes não era fixo, faziam-se presentes os jovens que estavam na instituição no dia e horário fixo e que desejavam participar; em média, reuniam-se de oito a dez adolescentes; foram realizados cinquenta encontros num período de

doze meses, que eram registrados no diário de campo da coordenadora do grupo. A coordenação foi vinculada à posição de estagiária de psicologia no decorrer de um ano.

Um dos pontos de partida para consolidar a metodologia de grupo foi a construção de uma relação de confiança, facilitando a manifestação dos participantes. As proposições de atividades também foram utilizadas como meio para favorecer a expressão, as mesmas eram elaboradas pela coordenação do grupo, previamente, partindo dos interesses e desejos dos jovens manifestados em suas falas trazidas em diálogos, jogos, brincadeiras a cada encontro.

As vivências também foram subsidiadas pela teoria de Donald Woods Winnicott (1975) quanto ao papel da mãe nos primeiros meses de vida do que diz respeito ao dar condições ao bebê de imaginar e criar, capacidades essas que, durante as intervenções procuramos estimular a partir do brincar. A coordenadora passou a construir um lugar de facilitadora para um espaço de fala e escuta, permeados pela potencialização da imaginação e criação dos integrantes.

Para as atividades principais, foram produzidos materiais exclusivos para os encontros, imagens, cartazes, fichas, entre outras opções, para promover o processo de imaginação e, ao mesmo tempo, a concretização da ideia principal da atividade. Por exemplo, quando a proposta era olhar um filme, o ambiente era organizado com colchões, almofadas no chão, luz desligada, pipoca. O trabalho em grupo implicou na construção de um espaço propício a cada encontro.

Além disso, para construir a perspectiva em algo que ainda não aconteceu é necessário criar, imaginar, se arriscar e brincar. Para trabalhar o porvir com os adolescentes, onde eles pudessem experienciar e projetar seu futuro, por meio da linguagem, escuta, jogos, desenhos, foi preciso usar ferramentas e atividades que se aproximavam do brincar e do lúdico. "É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação" (WINNICOTT, 1975, p. 88).

A fase do desenvolvimento dos sujeitos envolvidos implica que alguns exercícios de vida possam lhes ser apresentados ou emprestados para que, a partir disso, eles possam fazer suas escolhas e apropriações. Considerando isso, foram desenvolvidas atividades em que esses caminhos pudessem ser imaginados e experimentados, levando em conta também, que a adolescência é um momento da vida fértil para novas ideias, pois "ela contém as características mais fascinantes do pensamento criativo, sentimentos novos e desconhecidos, ideias para um modo de vida diferente" (WINNICOTT, 1999, p. 158). Para isso foram realizadas atividades onde eles puderam fazer escolhas, determinar as ações necessárias e as consequências delas.

## 4 DISCUSSÃO DE RESULTADOS

De acordo com a psicologia narrativa, “não há ação nem experiência humana sem sentido, e que as narrativas são precisamente o veículo privilegiado através da qual os indivíduos constroem e comunicam sentidos” (MANITA, 2001, p. 60). Baseados nisso, serão apresentados detalhes de algumas atividades realizadas no grupo com os adolescentes e alguns recortes de falas que emergiram durante as dinâmicas. Dividimos as discussões de acordo com os resultados que mais apareceram no decorrer das intervenções, no trabalho em grupo e que estão relacionados com a problemática e os objetivos do estudo, são eles: pertencimento, a família, experimentando o novo, a satisfação na superação, exercício do “como se” e o papel do dinheiro.

### 4.1 PERTENCIMENTO

Os encontros semanais com os adolescentes da instituição eram planejados e preparados de acordo com a temática e intenção de cada atividade. Os adolescentes ao perceberem que o período do grupo era um momento diferente do cotidiano deles e que demandavam preparação por parte da coordenadora produziu neles um sentimento de valorização e pertencimento, pois se sentiam parte do processo do grupo, já que os interesses e desejos dos jovens eram considerados na construção das atividades. As falas abaixo representam esse resultado:

Exemplo 1: – “Bah, tia! Mas tu fez isso só pra trabalhar com nós?”

Exemplo 2: – “Foi você que inventou?”

Exemplo 3: – “Nossa! Essa moeda é só pra quem mora no Solar mesmo!”

Ao falar do conceito de continente do grupo, Zimerman (1993) compara ao conceito de holding de Winnicott, dizendo que o grupoterapeuta também tem a função de sustentação e continência, a fim de que o grupo evolua e os integrantes se sintam pertencentes. Quando a pessoa encontra no grupo que faz parte o suporte social que precisa, faz com que ela como indivíduo “sinta que pode ser cuidado, amado e valorizado [...]” (ZIMERMAN, 1993, p. 97 e 98).

Tendo em vista que o objeto do trabalho em grupo é proporcionar espaços de fala para os adolescentes, acreditamos que o fortalecimento do vínculo dos jovens com a coordenadora e entre eles, foi essencial para que os participantes se sentissem num ambiente seguro e acolhedor, por isso, ficaram à vontade para falar, opinar e arriscar respostas. Considerando que estar afastado da família e ingressar numa instituição de acolhimento têm a ver com mudança de grupo, o fato de se sentirem pertencentes e seguros, facilitou o processo de se experimentarem.

## 4.2 A FAMÍLIA

A importância da família para os adolescentes foi observada na maioria das atividades. Winnicott (2001, p. 134) diz que (...) “as figuras reais da mãe e do pai permanecem vivas na realidade psíquica e interior de cada um de seus membros”.

A atividade intitulada SER / TER / FAZER, consistia em recortar de revistas, cenas ou objetos que representassem o que eles gostariam: TER no sentido de conquistas e objetos materiais; FAZER, no que diz respeito ao desejo, atividades que gostariam de fazer, ou sonhos e SER destinado a escolha de uma profissão. No espaço TER, os adolescentes colaram recortes de objetos materiais: carro, casa, barco, arma, etc. No espaço SER figuras que remetia a profissão, já no espaço do FAZER, imagens que remetiam à família (esposa, filhos, mãe, pai). Com essa atitude evidenciaram o quanto o desejo em relação à família é algo presente no imaginário desses adolescentes. Empregamos aqui o significado de desejo no sentido da realização ou satisfação de um anseio inconsciente.

Na atividade em que utilizamos o Jogo da Vida, o apego à família também apareceu. No final, de acordo com a quantidade de filhos que cada jogador tinha, recebia uma quantia em dinheiro, ou seja, “vender” os filhos é a regra do jogo para reverter tudo em valores e se chegar a um vencedor. Essa ação foi contestada pela maioria dos adolescentes, conforme veremos nos exemplos abaixo:

Exemplo 1: – “Mas eu não quero vender meus filhos!”

Exemplo 2: – “Que graça tem ter dinheiro e mulher e não ter os filhos!”

Exemplo 3: – “E eu não posso, NÃO vender meus filhos?”

Vemos o quanto a família está ligada ao sonho e a fantasia dos jovens, de modo que ter uma vida feliz e bem-sucedida está atrelada a ter uma família. Em praticamente todas as intervenções e construções quanto às possibilidades de futuro, a família esteve presente como uma das mais importantes conquistas, seja no retorno ao convívio dela ou na formação de uma nova configuração familiar.

## 4.3 EXPERIMENTANDO O NOVO

Durante as intervenções em grupo percebemos que quando a proposta era fazer algo diferente ao que os adolescentes já tinham experimentado ou que exigia um pouco mais da concentração e empenho deles, havia resistência. Na maioria das vezes, surgiam falas conforme os exemplos abaixo:

Exemplo 1: – “Bah, tia! É muito difícil, eu não sei fazer isso!”

Exemplo 2: – “Eu não sei desenhar eu sou muito ruim!”

Exemplo 3: – “Acho que não consigo!”

Os exemplos acima nos remetem ao “sintoma de uma vida não-criativa, que é o sentimento de que nada tem significado, o sentimento de futilidade, que nada importa” (WINNICOTT, 1999, p. 36), o que

pode estar relacionado com a falta de atrativos na rotina de uma instituição de acolhimento, bem como as experiências na infância, onde através da capacidade da mãe de se adaptar às necessidades do bebê, garante ao sujeito a “capacidade de criar o mundo” (WINNICOTT, 1999, p. 24). Independentemente do que possa estar por trás da falta de motivação dos adolescentes, eles eram encorajados a tentar, às vezes, a exigência era diminuída, a forma de fazer a atividade modificada, a fim de comunicar que “experimentar o viver criativo é sempre mais importante do que se sair bem” (WINNICOTT, 1999, p. 38). No final da atividade, era apresentado aos adolescentes que expressaram a incapacidade, o bom resultado do que haviam feito, a fim de mostrar que eles sim, tinham capacidade e haviam feito um belo trabalho.

Um bom exemplo disso foi a tarefa de fazer toalhinhas bordadas para os idosos, pois eles usaram a técnica *patch* colagem, em que se corta um tecido no formato de flor, por exemplo, aplica-se na toalha utilizando o ferro elétrico e borda-se ao redor da imagem para fixar e dar um acabamento artesanal. Esse bordado é semelhante a uma costura, atividade que os adolescentes elegeram como “coisa de mulher” e que eles não sabiam fazer. A resistência durou os primeiros quinze minutos da atividade, pois depois já estavam competindo para ver quem bordava melhor e mais rápido.

Winnicott (1999, p. 37) diz que, “mesmo que o indivíduo tenha um equipamento criativo pobre, a experiência pode ser criativa e pode ser sentida como excitante, no sentido de que sempre há algo de novo e inesperado no ar”. Tendo em vista que, independente da capacidade e do resultado, a prática por parte dos adolescentes, de se experimentar, se arriscar, foi um resultado que favoreceu o exercício de pensar em algo novo, projetar-se para uma realidade ainda desconhecida.

#### 4.4 A SATISFAÇÃO NA SUPERAÇÃO

Ao finalizar as toalhinhas, conforme atividade descrita acima, os adolescentes ficaram muito surpresos com o resultado. Através de algumas falas foi possível essa constatação:

Exemplo 1: – “Viu, tia?! Essa foi eu quem fiz!”

Exemplo 2: – “Olha aqui, tia, como eu sei bordar bem!”

Exemplo 3: – “Olha essa, tia, como combinou a linha que escolhi com o tecido!”

A narrativa deles expressa o quanto o olhar do Outro é importante para o reconhecimento e aceitação do trabalho. A estagiária de psicologia como coordenadora do grupo, também se encontrou no papel de autoridade, no sentido de permitir a autoria do outro. Houve uma autorização que proporcionou aos integrantes a liberdade de participar da atividade sem sentirem-se submissos às ordens e isso contribuiu para um efeito de legitimação (LERUDE, 2009).

A atividade mencionada acima colaborou para que os jovens pudessem se surpreender com suas realizações e perceberem o potencial criativo de cada um. Segundo Winnicott (1999, p. 36) “quando

surpreendemos a nós mesmos, estamos sendo criativos e descobrimos que podemos confiar em nossa inesperada originalidade”, fato este que ficou evidenciado nessa atividade.

As toalhinhas, depois de prontas, foram entregues pessoalmente pelos adolescentes aos idosos de uma Instituição de Longa Permanência da cidade, na qual faziam visitas mensais. Os moradores do lar ficaram muito admirados com o presente, em especial as idosas, que explanaram com frases que evidenciaram a surpresa:

Exemplo 1: – “Mas eu não acredito que foram vocês mesmos que bordaram essas toalhinhas!”

E os adolescentes respondiam com a expressão de um sorriso no rosto: – “Sim, fomos nós mesmos!”. Neste momento percebemos que eles faziam questão de mostrar como haviam feito sua arte, no final da entrega comentavam entre si com muito orgulho o quanto tinham impressionado os idosos com o presente. Percebemos que os jovens encontraram um olhar de reconhecimento de suas criações, também associada ao gesto de dedicar estas criações para o Outro, no encontro com os idosos.

A abordagem criativa faz com que o artista se sinta real e significativo, mesmo quando o que ele fez seja um fracasso do ponto de vista do público, ainda que o público continue sendo uma parte necessária de seu equipamento, tanto quanto seus talentos, seu treinamento e suas ferramentas (WINNICOTT, 1999, p. 39).

Neste caso, os comentários dos idosos deram um testemunho, enriquecendo as possibilidades de efeitos de sentidos e consolidando o compartilhamento e a socialização da produção dos jovens. Isso permitiu uma contemplação e uma construção estética para a atividade como sendo marcada por atos de criação e reconhecimento. A atividade trazida aqui iniciou no experimento de uma nova e surpreendente ação que levou a uma superação pessoal e a possibilidades de reconhecimento. Destacamos esse resultado como sendo potencializador para a superação de novos desafios.

#### 4.5 EXERCÍCIO DO “COMO SE”

A intenção desta atividade em grupo foi de dar seguimento à abertura de novas possibilidades para a produção em torno do vir a ser. Procuramos estimular o grupo utilizando uma atividade que auxiliou nos desdobramentos imaginativos: “como se”, “como seria”, “se fosse eu”.

Um bom exemplo dos desdobramentos imaginativos acima foi a atividade que colocou em questão: TER, FAZER e CONSEQUÊNCIAS. Foram apresentadas cartas imantadas com palavras escritas relacionadas às categorias TER e FAZER. Um quadro de metal foi dividido em três partes: uma parte intitulada TER, outra FAZER e a última como CONSEQUÊNCIA. Para opção TER, foram disponibilizadas cartas com escritos como: carro, faculdade, dinheiro, família, viagens, bom emprego, empresa própria entre outras, para FAZER, as opções foram: estudar, me relacionar com pessoas que pensem como eu, controlar o

dinheiro, trabalhar, traficar, roubar, fazer cursos, ter boas notas, conseguir bolsa de estudos, etc. Na parte das CONSEQUÊNCIAS, as cartas não eram escolhidas, eram colocadas pela estagiária de psicologia de acordo com as opções escolhidas na categoria FAZER, como uma ilustração, ao escolher traficar e roubar a consequência era “prisão/vida reduzida” e quando havia escolhas saudáveis era “realização pessoal”, “viver em família”, “entre outras”.

Nessa atividade, cada adolescente podia “decidir” uma meta futura e analisar o que precisavam para isso, procuramos trazer uma visão prática e de planejamento da vida, dentro de um discurso vigente, baseamo-nos também em uma dimensão de direitos, de deveres e responsabilidades. Por exemplo, ao escolher a opção ter um “bom emprego” todos elegiam a carta “estudar”, porém não escolhiam a carta “tirar boas notas”, os que optaram por “fazer uma faculdade” não selecionavam “conseguir uma bolsa de estudo”, ou seja, tinham uma visão até um pouco “romântica” do futuro, onde só necessitavam desejar e tudo iria conspirar a favor. Percebendo isso, a intervenção buscou uma conscientização por meio de uma conversa sobre possíveis estratégias e escolhas que poderiam facilitar no alcance das metas, que são ilustradas nos diálogos a seguir:

Exemplo 1: – “É só ir à aula que passa de ano?”

– “Não, tia, tem que estudar e tirar boas notas” – respondem os adolescentes – “Então será necessária a carta que diz tirar boas notas, certo?”

– “Sim”, concordaram todos.

E a partir disso acrescentavam a carta no quadro.

Exemplo 2: – “E se não tiver condições de pagar a faculdade, conseguir uma bolsa de estudos não seria uma boa alternativa?”

– “É mesmo, tia! Dá pra fazer o Enem né?” Refletem os adolescentes e acrescentam a ficha escrita “conseguir uma bolsa de estudo”.

Exemplo 3: – “Se eu almejo construir uma família, posso me relacionar com qualquer menina? Ou ela precisa pensar e ter os mesmos objetivos que eu?”

– “Tem que pensar como a gente né, tia?”

– “Não adianta ‘tá’ com uma guria e ela ‘metê’ chifre na gente!”

– “Tem que ser fiel!”

O quesito fidelidade foi defendido por todos os adolescentes como fator decisivo para um relacionamento, como se fosse a garantia do reconhecimento de sua sexualidade. A constatação dele como homem e o fato da menina ser fiel a ele é uma validação social desse reconhecimento, pois no desejo de fazer-se reconhecer, “não basta que eu afirme sozinho minha identidade, ainda é preciso

que seja reconhecida, validada" (MELMAN, 2009, p. 135). Além disso, vemos nessas falas o fenômeno conhecido como Ressonância, onde a fala de um é o que pensa o outro:

Há um fenômeno específico dos grupos, conhecido sob o de "Ressonância" e que, como o nome sugere, consiste em que, qual um jogo de diapasões acústicos, ou de brilhar, a comunicação que é trazida por um membro do grupo ressoa em um outro, o qual, por sua vez, vai transmitir um significado afetivo equivalente, ainda que, provavelmente venha embutido numa narrativa de embalagem bem diferente, e assim por diante. A função do grupoterapeuta é a de discernir o tema comum do grupo (ZIMERMAN, 1993, p. 95).

Através das perguntas, muitas outras cartas eram adicionadas na opção FAZER o que possibilitou a troca de pensamentos e experiências entre os adolescentes. Com isso também foi possível uma visão mais ampla dos passos necessários para se conquistar algo.

Um dos adolescentes escolheu as cartas "roubar" e "traficar" que constavam como opções no jogo, pois afinal, fazem parte das possibilidades dos adolescentes e o intuito da atividade era justamente esse, estar de acordo com a realidade deles. A consequência que estava prevista para as cartas roubar e traficar, era "prisão/vida reduzida". Ao escolher essas duas cartas os demais adolescentes ficaram surpresos e de certa forma curiosos para ver o que iria acontecer a partir daí. A escolha pode ter sido feita pelo jovem para testar a reação do grupo – desde o lugar da coordenação do grupo, mantivemos a abertura para escolha realizada naquele momento, sem expressões que pudessem remeter a uma desaprovação da escolha. Analisamos que podem ter ocorridos identificações dos jovens com as opções colocadas, possibilitando também a manifestação de liberdade e singularidade nas suas escolhas, que conforme Winnicott (2001) comprovam o resultado satisfatório do grupo.

Ao constatarem que a consequência de roubar e traficar era a carta "prisão/vida reduzida", os adolescentes se sentiram à vontade para expressarem o que pensavam sobre o assunto, trazendo suas percepções, fato que se evidencia com algumas falas:

Exemplo 1: – "Viu cara! Não adianta roubar para conseguir as coisas, vai pra cadeia mais cedo ou mais tarde!"

Exemplo 2: – "Tu já viu um traficante velho? Não fica velho meu! Morre antes!"

Exemplo 3: – "Não lembra do Fulano de tal (pronunciaram o nome de um traficante)? Prenderam numa semana e na outra acharam morto!"

Exemplo 4: – "Qual a moral de ter uma "mina" e os "bacuris" e deixar as crianças órfãos!"

Exemplo 5 – "Que adianta ter dinheiro pra comprar um "caranga show" e não poder dirigir!"

Através das narrativas houve uma crítica por parte dos adolescentes de que não adianta ter uma família, filhos e não poder desfrutar do convívio com eles. As palavras apresentadas como CONSEQUÊNCIAS, foram elaboradas, levando em consideração a realidade social e o quanto os resultados das escolhas na atividade, serviriam de estímulo ou como possibilidade de reflexão dos adolescentes, acerca de suas identificações e oportunidade para realizar e analisar suas escolhas antes de chegar o tempo de colocá-las em prática.

#### 4.6 O PAPEL DO DINHEIRO

O dinheiro, muitas vezes, é visto pelos adolescentes como “salvador”, alegam que se não fossem pobres, provavelmente, não estariam numa instituição de acolhimento. Essa relação com o dinheiro, com classe social e com posses é claramente percebida na fala e na conduta dos adolescentes. Eles admiram e desejam o fato de ter dinheiro para fazer e comprar coisas que consideram importantes.

Alvim (2003) fala do poder criador do dinheiro segundo Marx (1985), dizendo que ele tem a “capacidade de transformar para o indivíduo, o desejo em realidade, o seu ser imaginário ambicionado pela vontade real, poder de mediação desta transformação” (ALVIM, 2003, p. 19). Percebendo a importância do papel do dinheiro na vida e na definição de “bom” futuro para os adolescentes, atividades com propósito de analisar essa ideia, foram desenvolvidas.

Entre elas, temos a atividade do Jogo da Vida. Durante todo o jogo os adolescentes comentavam, vibravam, reclamavam sobre as ordens do jogo, além disso, muito do que diz respeito a eles foi evidenciado através de falas e atitudes. Dentre várias, podemos destacar a união de três jogadores para fazer de um adolescente, o ganhador do jogo, eles pagavam as contas dele e davam “escondido” dinheiro para ele, tanto que através dessa união, o jovem escolhido realmente ganhou o jogo. No início, questionamos a ação, pois era contra a regra do jogo, mas depois deixamos acontecer, entendemos que era uma forma deles se expressarem. Era satisfatória para eles essa atitude, algumas falas além da expressão facial evidenciam isso:

Exemplo 1: – “Ele é meu “faixa”, eu pago pra ele!”

Exemplo 2: – “Amigo meu não passa trabalho!”

Exemplo 3: – “Mais daí tô loco! Deixar meu camarada passar mal!”

Durante o jogo, um adolescente em especial, teve duas atitudes que chamou atenção do grupo, ele não “pagava suas contas” mesmo tendo dinheiro e, quando via uma oportunidade, pegava dinheiro do “banco do jogo” para si. Passamos a evitar que este jovem sentasse ao lado do adolescente que cuidava do dinheiro. Analisamos a ação dele, como tendo uma relação com o conceito de *acting* (ou atuação) na obra de Zimerman (1993), que diz que “sempre representa uma forma de comunicação não verbal, de

natureza primitiva, como uma tentativa de preencher vazios e acalmar ansiedades” (ZIMERMAN, 1993, p. 133). Conhecendo um pouco do histórico desse adolescente, através dos relatos dele, supomos que essa vontade de ter dinheiro é algo latente que acabou por se manifestar dessa maneira:

No sentido estrito do termo, *Acting out* designa uma determinada conduta que se processa como substituta de sentimentos que não se manifestam no consciente. Isso costuma ocorrer devido a uma das seguintes quatro condições: quando os sentimentos represados correspondem às fantasias que estão reprimidas e que não são recordadas (como ensinou Freud) ou não são pensadas (segundo Bion), ou não são comunicadas pela verbalização, ou não conseguem ficar contidas dentro do indivíduo (ZIMERMAN, 1993, p. 133).

O jogo proporcionou reflexões quanto ao uso do dinheiro e organização financeira, pois às vezes não tinham para comprar determinado objeto e precisavam esperar o “dia do pagamento” ou pedir dinheiro emprestado para o banco. Reflexões que foram possíveis também através da Moeda Solar, onde eles precisavam guardá-las em um lugar seguro até o dia da troca.

Os adolescentes, ao participarem das atividades recebiam uma “Moeda Solar”, que eram moedas de papel que imitam uma de verdade, que tinha valor de troca. Eles guardavam e em um determinado dia – definido e combinado previamente no grupo – trocavam por produtos (doces, brinquedos, etc) de acordo com a quantidade de moedas que possuíam, pois cada item tinha seu “preço” em Moedas Solar.

Em um dos encontros, onde houve as trocas, foi disponibilizado jogos, bolas de futebol e vôlei. Os adolescentes discutiram entre eles e decidiram unir as moedas de todos e trocar por uma bola de futebol e uma de vôlei – que era desejo deles, mas para isso faltavam três moedas. Então eles tentaram “conseguir” na chantagem: – “Bah, tia! Dá a bola de vôlei pra nós!”. Diante da demanda, a intervenção foi realizada no sentido de abrir espaço para que os próprios participantes pudessem sugerir, buscar alternativas para resolver o impasse que se coloca no sentido de não ter moedas suficientemente para acessar o que se desejava. Procuramos potencializar a atividade interpretativa para com os adolescentes a partir da demanda trazida por eles.

Atividade interpretativa, por sua vez, implica no uso de intervenções que levem os pacientes a fazerem indagações e reflexões. Nesse caso, as intervenções do terapeuta incluem o uso de perguntas, de clarificações (enfoque de detalhes significativos), confrontações (confrontos entre as contradições do paciente, assim como de suas dissociações) e o eventual emprego de analogia e de metáforas (ZIMERMAN, 1993, p. 126).

Para isso, se provocou o diálogo exemplificado a seguir:

Exemplo 1: – “Vocês sabem que aqui eu estou fazendo o papel de um banco, certo? Pois estou recebendo o dinheiro de vocês. Então, vocês querem algo e não têm dinheiro para comprar, o que pode ser feito para resolver essa situação?”

Um dos adolescentes respondeu: – “Podemos roubar a bola da tia!”

A estagiária de psicologia responde: – “Realmente! É uma opção, mas aqui essa não será aceita, além disso, o que se pode fazer?”

Então vários chegam à mesma conclusão: – “Podemos pedir emprestado!”

E a estagiária responde: – “Realmente, pedir emprestado é uma solução. E quando não temos dinheiro e pedimos emprestado para o banco, ele nos cobra o mesmo valor que pegamos emprestado?”

– “Não, ele cobra juros” – respondem os jovens.

– “Então, eu como banco empresto três Moedas Solar, mas na próxima troca de moedas vocês devem me pagar com quatro Moedas Solar, vocês aceitam?”

Todos aceitaram o juro que foi sugerido e compraram as bolas. Através da encenação do banco, tornou possível aos adolescentes refletir sobre alternativas para resolução de problemas. Pensar sobre o futuro torna imprescindível encontrar, imaginar novas possibilidades para resolução de impasses inerentes à vida.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O afastamento da família e o acolhimento de adolescentes, numa instituição de proteção, é um recurso para oferecer suporte e apoio, mediante situações de intensa fragilidade de vínculos familiares e de inserção social destes jovens. Estes vivenciam a necessidade, a emergência do estar afastados de suas famílias e dos seus contextos de vida, por situações que decorrem de violência doméstica, maus tratos, envolvimento com uso e tráfico de drogas que ameaçam a segurança e proteção de vida.

O abrigo é um processo complexo e difícil, considerando também que o adolescente está numa fase do desenvolvimento turbulenta e, muitas vezes, não consegue entender ou expressar seus sentimentos. Partindo dessa realidade, tivemos o cuidado de propor a constituição de um grupo com os adolescentes, procurando compor lugar em que essas dificuldades pudessem ser escutadas, por meio das falas e da realização de atividades mediadoras e potencializadoras da criatividade.

O objetivo de promover um espaço para construções em torno de perspectivas de futuro para os adolescentes abrigados em uma unidade de acolhimento de proteção foi trabalhado no decorrer dos encontros semanais no espaço da instituição, utilizando dinâmicas variadas voltadas ao brincar, imaginar

e criar. Percebemos que o vínculo de confiança dos adolescentes para com a estagiária de psicologia, responsável pela coordenação do grupo, foi fundamental para esse processo.

As atividades desenvolvidas para facilitar o processo de imaginação e criação foram realizadas para trabalhar as demandas trazidas pelos adolescentes, bem como considerar a questão central deste estudo, seus objetivos e a metodologia apresentada. Acolher as demandas e intervir a partir delas possibilitou uma maior adequação das atividades de forma a dialogar com as diferentes visões de mundo e as expectativas dos integrantes do grupo.

Percebemos que, durante o percurso dos encontros, os adolescentes foram se sentindo pertencentes ao grupo, protagonistas das atividades, facilitando o reconhecimento das possibilidades de futuro que podem ser construídas e escolhidas. Esse fato contribuiu para a evolução nas narrativas dos jovens, que no início eram muito tímidas e com poucos detalhes sobre o que pensavam; com o passar do tempo, as narrativas foram se modificando para um discurso próprio, com justificativas, mais descrições e detalhamentos sobre suas ideias e opiniões.

Não podemos deixar de citar o quanto o trabalho da psicologia no contexto de uma instituição de acolhimento para adolescentes é propício. É um espaço que pode abrir para a criação de vínculos de confiança que asseguram e favorecem as manifestações e a participação dos sujeitos presentes. Portanto, realizar grupos de adolescentes em uma unidade de acolhimento de proteção se mostrou uma alternativa potencializadora para a produção de fala, escuta e a realização de intervenções que favoreceram os adolescentes na construção de estratégias de: diálogos, pensamento, imaginação, projeções e criação de expectativas para o futuro.

## REFERÊNCIAS

ALVIM, Valdir. Dinheiro: Instituição social relevante na sociedade moderna. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Santa Catarina, agosto-dezembro/2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/13679/12537>. Acesso em: 5 maio 2019.

BRASIL. **Ministério do Desenvolvimento Social**. Proteção Social Especial de Alta Complexidade, 2018. Disponível em: <http://mds.gov.br/aceso-a-informacao/mds-para-voce/carta-de-servicos/gestor/assistencia-social/alta-complexidade-2>. Acesso em: 26 abr. 2019.

DIAS, Elsa Oliveira; LOPARIC, Zeljko. O modelo Winnicott de atendimento ao adolescente em conflito com a lei. **Winnicott e-prints**, vol. 3, n. 1 e 2, 2008, p. 47-60.

LERUDE, Martine. Mas o que é que constitui então autoridade? *In*: MELMAN, Charles *et al.* **Adolescente, sexo e morte**. Porto Alegre: CMC, 2009, p. 11-32.

MANITA, C. Evolução das significações em trajetórias de droga-crime(II): novos sentidos para a intervenção psicológica com toxicodependentes. **Toxicodependências**, v. 7, n. 3, 2001, p. 59-82. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/6882/2/82679.pdf>. Acesso em: 30 maio 2019.

MELMAN, Charles. Que espera o adolescente da sexualidade e da morte. *In*: MELMAN, Charles *et al.* **Adolescente, sexo e morte**. Porto Alegre: CMC, 2009, p. 129-143.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1975.

WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WINNICOTT, Donald Woods. **A família e o desenvolvimento individual**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WINNICOTT, Donald Woods. **Privação e delinquência**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.